4.
Grupo intergeracional: espaço de diálogo entre as gerações

O cenário de mudança demográfica, apontada anteriormente, corroborou o processo de reordenação da gestão da velhice, saindo da esfera privada da família, para a pública, na qual o Estado teve que assumir como gestão pública à questão do envelhecimento, ou seja, o envelhecimento deixa de ser um problema das famílias e passa a ser um problema da sociedade.

Dentro dessa visão do público é que se insere a proposta em quebrar preconceitos e estereótipos a partir do convívio entre gerações distintas, através de um grupo intergeracional.

Considerando que a atividade intergeracional estudada é exercida em grupo, definimos grupo segundo Zimerman: *grupo é uma reunião de duas ou mais pessoas, em que o número máximo não compromete a comunicação e a interação entre os seus membros, pessoas que, unidas por uma tarefa ou um objetivo comum, organizam-se por regras que definem dia, hora e local em que se encontram* (ZIMERMAN, 1997, 26-31).

Para refletir sobre o diálogo intergeracional trabalharemos as categorias: relações intergeracionais, gerações e intergeracionalidade, literatura infantil e diálogo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

4.1.
Gerações e intergeracionalidade

Entendemos por geração o "*grupo de pessoas que compartilharam experiências parecidas, que têm idades similares e que seguem tendências*" (BUZ DELGADO; BUENO MARTÍNEZ, 2006).

Como também podemos definir por outros critérios:

- as linhagens familiares, dando lugar à geração dos sobrinhos, netos e pais em uma família;

- pertence a um grupo, caracterizado por sinais de identidade inequívoca (hippies, yuppies e etc);

- a data de nascimento, critério utilizado em investigação social e que agrupa todos os que nasceram no mesmo ano;

- a etapa do curso da vida, que permite conhecer uma geração em termos amplos de idade e acontecimentos vitais associados (infância, adolescência, idade adulta e velhice).

Um dos conceitos mais antigos de Ortega Y Gasset[14] (apud GOLDMAN, 2004, p. 1) nos revela que, "*a geração é um compromisso dinâmico entre massa e indivíduo, é o conceito mais importante da história, e, por assim dizer, o vértice sobre o qual esta realiza seus movimentos*".

O sociólogo Magalhães, em seu texto "Intergeracionalidade e Cidadania" descreve seu entendimento sobre gerações:

> As gerações são mais que coortes demográficos. Envolvem segmentos sociais que comportam relações familiares, relações entre amigos e colegas de trabalho, entre vizinhos, entre grupos de esportes, artes, cultura e agremiações científicas. Implicam estilos de vida, modos de ser, saber e fazer, valores, idéias, padrões de comportamento, graus de absorção científica e tecnológica. Comporta memória, ciência, lendas, tabus, mitos, totens, referências religiosas e civis (MAGALHÃES, 2000, p. 37).

Sob esse aspecto é importante destacar que entre esses diversos níveis de relações sociais, existem as relações intergeracionais, que tem sua importância no intercâmbio entre grupos etários distintos e na troca que pode se estabelecer entre eles. A aproximação das diferentes gerações deve levar em conta não só a cronologia, mas deve considerar os estilos de vida, o saber, valores, memória, com intuito de viabilizar uma relação entre as distintas gerações.

A interação entre o idoso e as demais gerações pode ser ilustrada pela citação de Novaes (1997, p. 55): "*A criança e o idoso talvez se reúnam em uma dimensão*

[14] Texto extraído de Gênese das teorizações sobre a juventude de Elizeu de Oliveira Chaves Júnior (GOLDMAN, 2004).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

intemporal do ser, a qual eles pertencem por direito, um por não haver ainda saído dela e o outro por tê-la reencontrado".

A presença simultânea das gerações envolvendo crianças e idosos, requer uma percepção dos limites e possibilidades de cada um no seu tempo, a criança abordando a sua vivência, e o idoso transcendendo o hoje e resgatando as suas reminiscências.

Magalhães entende intergeracionalidade como:

> Estudo e prática das relações espontâneas entre gerações e da indução e institucionalização de relações intergeracionais, utilizando campos de ação próprios, com métodos e técnicas utilizados por agentes sociais, facilitadores e catalisadores das aproximações e interligações (MAGALHÃES, 2000, p. 41).

Alguns dos estudos brasileiros na área (OLIVEIRA, 1999; BARROS, 1987) referem-se a relações entre as gerações, ou seja, relações intergeracionais como o repasse do conhecimento dos mais velhos para os mais novos, reproduzindo as relações sociais do início do século em que o idoso era o dono do saber, perpetuador do conhecimento muitas vezes transmitido através de ordens e ausência de diálogo.

Conforme destaca o sociólogo Dumazedier (1992, p. 9):

> As velhas gerações continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos às novas gerações. Há uma atitude seletiva com respeito aos ensinamentos da tradição e às lições da experiência, seja no trabalho, seja nas relações sociais, na vida familiar, no lazer etc., porque as pessoas idosas representam, antes de mais nada, uma memória coletiva. Se elas não transmitirem esse tipo de saber, quem o fará?

Barros (1987) afirma que para os idosos, essa lembrança das próprias experiências com seus pais e filhos pode ser importante na revisão e aceitação da própria vida e na relação com seus netos. O idoso ultrapassa o isolamento e valoriza a sua auto-estima.

Segundo Bosi (1987) lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com imagens e idéias de hoje, as experiências do passado. As relações intergeracionais ao promover o *diálogo* (Arendt) e a troca entre as gerações, permite a transformação e a reconstrução da tradição (Arendt), no espaço dos grupos sociais.

E ainda, Osório (2002, p. 90) aponta que:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

> Nas lembranças que os avós têm de seus próprios pais e avós, os netos poderão encontrar o fio condutor que os conecte ao sentido que transcende a transitoriedade de suas vidas e, ouvindo os seus netos, os avós adquirem a consciência de que há algo mais além da finitude de sua passagem pela terra.

No entanto, nesse convívio entre idosos e crianças, as transformações que se operam são múltiplas e recíprocas.

> As crianças pouco a pouco vão, mesmo que sequer o saibam, forçando os velhos a se transformarem. Ora são levados a revirar o funda da alma, avivando práticas esquecidas, memórias apagadas, conhecimentos relegados para trás... ora são levados por mãos infantis a conhecer novos brinquedos, outros hábitos, maneiras diferentes, programas nunca experimentados (OLIVEIRA, 2003, p. 6).

Nesse convívio a transmissão dos saberes não é linear, ambas as gerações possuem sabedorias que podem ser desconhecidas para a outra geração, e a troca de saberes possibilita vivenciar diversos modos de pensar, de agir e de sentir, e assim, poder renovar as opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas.

Essa renovação e transformação ocorrem reciprocamente, em um movimento constante de construção e desconstrução. Dessa forma, as atividades intergeracionais proporcionam um espaço em que as diferentes gerações, respeitando as suas diferenças, criam uma história comum, a partir das sabedorias de cada integrante do grupo, respeitando as diversidades e o conhecimento de cada um.

Goldman define abaixo o conceito de conteúdo geracional

> Mesmo que cada geração tenha características e marcas próprias, compartilhadas por toda a sociedade, deve-se observar que as gerações não se apresentam sob a determinação de um único grupo, mas sim como referência aos grupos que formam o conjunto social. Essa síntese seria justamente o conteúdo geracional, ou melhor, através do conteúdo geracional determinados fenômenos culturais acabam simbolizando diferentes grupos etários e, como conseqüência, uma geração inteira. O conteúdo geracional contempla questões como: solidariedade, amizade, união, esperança e rebeldia, que se remetem a um forte símbolo intergeracional (GOLDMAN, 2002, p. 1).

Esse conteúdo geracional é o que determina a passagem dos saberes de uma geração para outra e reforça a possibilidade da existência da troca mútua dos saberes,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

entre as crianças e os idosos, tornando assim a relação intergeracional uma via de mão dupla, e não uma relação em que o mais velho repassa seus saberes para os mais novos.

Entendemos que cada geração tem interesses próprios, decorrentes das vontades individuais e das influências políticas, econômicas, sociais e culturais, como também, podem ter interesses comuns diante de determinadas questões relacionadas à vida, à atualidade, à política; e por essa diversidade é que surge a possibilidade de transmitir e adquirir novos saberes a partir das semelhanças e diferenças de cada geração.

E ainda, segundo Goldman (2002):

> a intergeracionalidade é um conceito que se vive, que se aplica à vida cotidiana. É uma forma de aproximação entre as gerações para melhor compreender e buscar, solidariamente soluções aos problemas que envolvem todas as faixas etárias.

Novaes (1999, p. 124-125) citando Habermas, diz que

> O agir comunicativo é o pano de fundo, sendo compreendido num processo circular no qual somos, ao mesmo tempo, desencadeadores de ações e produtos de ações dos grupos, bem como das influências e tradições da sociedade e culturas às quais pertencemos.

E para a efetivação da intergeracionalidade é necessário retomar o senso de coletividade e solidariedade, ultrapassando o individualismo predominante na sociedade contemporânea neoliberal.

Como afirma Magalhães (2000, p. 153): *"Aproximar gerações é objetivo do trabalho social que busca quebrar barreiras geracionais, eliminar preconceitos e vencer discriminações"*.

Silveira (2002) aponta que para a viabilidade do desenvolvimento de Programas e Projetos Intergeracionais, devemos trabalhar com uma metodologia própria, que facilite os encontros e que resultem em ações conjuntas, em atividades sociais escolhidas pelo grupo intergeracional.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

> Num grupo é possível discutir temas referentes às características, necessidades, preocupações, semelhanças e diferenças intra e intergerações, conflitos e possibilidades de intercâmbio entre pessoas de faixas etárias bastante diferentes. O grupo é um espaço ímpar para assimilação de novas atitudes, promovendo mudanças rápidas e eficientes. O grupo permite que se veja uma mesma situação de maneiras diferentes, favorecendo o respeito às diferenças. O grupo informa, esclarece, reorganiza. Além do mais, ele apóia e melhora o relacionamento interpessoal e neste sentido, o compartilhar faz descobrir identificações. Embora o grupo seja um lugar de interação e comunicação, não são apenas as características sociais que se desenvolvem. Nele as pessoas podem tomar consciência dos seus traços mais individuais, dos seus medos, do que acha que deve ser guardado como segredo, dos sentimentos mais ocultos, que podem ou não ser partilhados, de suas preferências, de seus gostos, de sua função e do seu papel dentro e fora dele (SILVEIRA, 2002, p. 8).

Assim, com uma metodologia própria de grupo, a interação entre os membros é fundamental para alcançar o objetivo de quebrar os preconceitos e atingir o diálogo e a solidariedade intergeracional.

Como estratégias para iniciar a aproximação entre as gerações, as atividades devem estar focadas no debate e na reflexão sobre temas de interesse do grupo. "*Pensar em grupos intergeracionais é pensar também no que seus membros têm para oferecer uns para os outros, sem paternalismo ou protecionismo*" (SILVEIRA, 2000, p. 9). Ao se estabelecer o diálogo, inicia-se uma proposta de troca de experiências que pode ser muito rica e que pode alcançar resultados relacionados ao resgate da cidadania e à valorizando do indivíduo - idoso e a criança - enquanto cidadãos. Destacamos abaixo, o trecho do livro Bisa Bia, Bisa Bel, trabalhado em um dos grupos, que retrata as transformações sociais e o repasse de conhecimento das crianças para os idosos.

> No domingo em que eu disse que ia comer um cachorro-quente e tomar uma vaca-preta, foi um deus–nos-acuda. Foi mesmo:
> -Deus nos acuda, minha filha! Isso lá é coisa que se coma? Coitadinho do cachorro...
> O trabalho que deu para explicar, você nem sabe. Para começar, quando eu disse que era um lanche, levamos um tempão até entender que era o que ela chamava de merenda... Mas vaca-preta? Coca–cola batida com sorvete? Refrigerante?... Nada disso tinha no tempo dela (MACHADO, 2000, p.25).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

O sociólogo Dumazedier (1992) preocupado com a forma de transmitir saberes para os grupos intergeracionais retrata em seu texto: "*A transmissão dos saberes entre gerações*" que existem três correntes que explicam as formas de transmitir saberes:

- A primeira ressalta a importância da transmissão dos saberes das velhas gerações às novas gerações que continuam a ter uma função de transmissão de conhecimentos.
- A segunda corrente retrata a transmissão dos saberes das novas gerações para as antigas, não apenas através de práticas de autoformação, mas também auxiliadas pelas instituições educacionais ou independentes delas.
- Por fim, a terceira corrente reforça que há a coexistência pacífica ou tumultuosa entre os saberes de ontem e de hoje. Assim, existe uma co-educação das gerações, pois se quisermos transmitir saberes, seja em um sentido, seja no outro, muitas vezes teremos que negociar as difíceis fronteiras entre os saberes e as habilidades de ontem e de hoje. A co-educação das gerações pode ser conflituosa e cooperativa, mas permite o convívio mais verdadeiro de uma geração com a outra.

Consideramos a importância das três correntes e concluímos que o essencial é reforçar o desenvolvimento de programas com ênfase na transmissão de saberes de ambas as gerações, realizando atividades educativas, culturais, esportivas e de lazer como formas de aproximação, interação, troca de experiências e o aumento da auto-estima das gerações, e ainda desenvolver ações solidárias nas famílias e na comunidade.

Buz Delgado e Bueno Martínez (2006) destacam que "*um Programa Intergeracional pode definir-se como aquele que une a mais de uma geração mediante a realização de alguma atividade planejada com o fim de alcançar determinados objetivos*".

Como resultado das atividades intergeracionais, Silveira aponta que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

> Os jovens podem retificar a imagem distorcida que têm dos idosos, modificar relacionamento com avós e avôs, agir de forma mais realista e menos sonhadora, desenvolver a solidariedade e a cooperatividade, lidar melhor com regras e limites, compreender a importância dos idosos se voltarem para o passado, pois esta é a sustentação para mudanças futuras. Os idosos se sentirão úteis, menos solitários, aumentarão a auto-estima que pode estar diminuída pelas constantes perdas e pelo descrédito que ainda paira sobre eles, poderão lidar com um outro tipo de autoridade, descobrirão muito do seu potencial e estabelecerão uma relação de mais confiança com os mais jovens. Ambos, jovens e idosos, poderão descobrir que é possível ter um vínculo de afeto com um membro de outra geração que não seja seu parente ou muito próximo. (SILVEIRA, 2000, p. 10).

Dessa forma, a prática dos grupos intergeracionais vislumbra transbordar a realidade intragrupo e transformar num âmbito maior - o da sociedade - com vista à promoção e ao bem–estar do idoso, visando uma sociedade para todas as idades.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

4.2.
Literatura infantil como ponte de diálogo entre as gerações

"Menino, eu vou ditar
As regras do bom viver;
Não basta somente ler,
É preciso meditar,
Que a lição não faz saber:
Quem faz sábios é o pensar".
(Meirelles,1979, p.117).

Antes do aparecimento da escrita, as formas conhecidas de transmissão do legado eram muito limitadas e precárias. A comunicação ocorria através de desenhos na caverna, através da dança, da música, do relato das histórias, onde os mais velhos, muitas vezes, tinham um papel importante na transmissão do saber. Esse processo permitia que se transmitisse para as gerações seguintes o que se havia descoberto.

Através da oralidade também se registravam as vivências do passado, conforme destacamos a seguir:

> O ofício de contar histórias é remoto. Em todas as partes do mundo o encontramos: já os profetas o mencionam. E por ele se perpetua a literatura oral, comunicando de indivíduo a indivíduo e de povo a povo o que os homens, através das idades, têm selecionado da sua experiência como mais indispensável à vida (MEIRELLES, 1979, p. 41).

E ainda, segundo Machado (2001, p. 130):

> A narrativa, ou seja, o relato, o contar histórias tornou possível que os seres humanos pudessem estabelecer e expressar à subjetividade e a objetividade, a linearidade, a causalidade, a simultaneidade, a condicionalidade e tantos outros conceitos importantes para a preservação e expansão da espécie.

A narrativa, dentre muitos objetivos busca transmitir os valores e experiências de uma geração para a outra, mantendo a memória cultural.

> Antes de todos os livros, a narração continua presente nas manifestações incansáveis da literatura tradicional: na canção de berço que a mãe murmura para seu filho; nas histórias que mães, avós, criadas, aos pequenos ouvintes transmitem; nas falas dos jogos, parlendas, nas cantigas e adivinhas com que as próprias crianças se entretêm umas com as outras, muito antes da aprendizagem da leitura (MEIRELLES, 1979, p. 42).

As cantigas de ninar, as poesias e histórias infantis, os jogos e as brincadeiras criaram pontes para aproximar as gerações. É muito comum que essas formas de aproximação se dêem com crianças e idosos, através dos avós repassando os conhecimentos e suas lembranças aos mais novos. Brandão (2006, p. 99) destaca que "*a interação entre crianças e idosos através da narrativa muitas vezes é prazerosa e enriquecedora para ambos"*.

Destacamos a seguir, trecho do livro de literatura infantil Guilherme Augusto Araújo Fernandes, que retrata o convívio intergeracional entre uma criança e uma idosa que perdeu a memória.

> Então Guilherme voltou para casa, para procurar memórias para Dona Antônia, já que ela havia perdido a sua... Aí Guilherme Augusto foi visitar Dona Antonia e deu a ela, uma por uma, cada coisa de sua cesta. [...]
> "Que crianças adorável que me traz essas coisas maravilhosas", pensou Dona Antônia.
> E então ela começou a se lembrar [...]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

> E os dois sorriram e sorriram, pois toda a memória perdida de Dona Antônia tinha sido encontrada, por um menino que nem era tão velho assim (FOX, 1995, p. 15-27).

E ainda, segundo Adriana Oliveira (1991, p. 4):

> As lembranças, banhadas pela experiência de vida e pelo afeto, recompõem a arte de contar, uma prosa em que o relógio não conta. Sem pressa, a cultura oral, fundada no ato de conversar, produz e preserva muita sabedoria.

A narração do passado propicia a apreensão das experiências vividas em termos das suas implicações para o presente e o futuro; "*desde que o mundo é mundo, estão contando uns aos outros os que ouviram contar, o que lhes vêm de longe, o que serviu a seus antepassados, o que vai servir a seus netos, nesta marcha a vida"* (MEIRELLES, 1979, p. 42). Esse passado deve ser percebido como um tempo conquistado, e a solidariedade dos mais jovens para com essa realidade não só define melhor a consciência, como também designa traços afetivos que poderão conceder um pouco mais de auto-estima às gerações envolvidas no processo intergeracional.

Através das histórias contadas, da memória viva dos idosos, transmitem-se as vivências, as experiências, os costumes e valores de uma geração. Essas histórias são contadas envoltas de emoções, sentimentos, imaginação e valores que levam, quase sempre, à uma interação entre os contadores e os ouvintes, acarretando uma experiência intergeracional. No entanto, precisamos ter uma visão emancipatória das narrativas dos idosos para não ficarmos em uma linguagem contemplativa, mas sim obtermos uma visão crítica e criativa para, através do diálogo, possibilitar a transformação e a solidariedade entre as gerações.

A literatura infantil escrita ou contada por um adulto a uma criança, também tem o papel do repasse das vivências e da manutenção da cultura, das tradições e dos valores.

Machado descreve que

> a literatura infantil surgida a partir do séc. XIX, principalmente na Inglaterra, foram às primeiras que se propuseram a lançar pontes literárias entre gerações, de forma simples, lançavam pontes entre seres humanos que se amavam, mas que tinham idades diferentes (MACHADO, 2004, p. 61).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

Para Machado (2004, p. 67) "*a ponte com uma criança leitora é feita de afeto e linguagem. O afeto é obvio, a linguagem tem a ver com tradução*. A linguagem não pode ser artificial e não deve estar preocupada com o público alvo. *O que importa é a arte das palavras, feita de sutileza e precisão"* (MACHADO, 2004, p. 69). O autor refere-se à tradução, porque considera que

> uma boa tradução é um transporte, leva de uma cultura à outra, transfere uma energia vital do original e a restaura com a força integral de sua presença na outra margem. Quando bem sucedido, sem distorções, constitui-se numa ponte real entre seres humanos (MACHADO, 2004, p. 69).

Na realidade brasileira temos uma vasta produção de livros infantis, mas grande parte dessas produções não pode ser classificada como literatura, e sim como livro de cunho didático ou informativo, com um tratamento editorial adequado e direcionado ao público infantil. Esses livros

> são uma cartilha para ser lida com um grande equívoco de concepção de texto e da própria idéia de aprendizado da língua escrita. Sem elementos de coesão, sem progressão, com fonemas que se repetem à exaustão, com um óbvio para uma criança de seis/ sete anos, com ilustrações interessante de traço, mas também presas ao texto ficam bem marcadas, no texto, a idéia de que o significado não é relevante e sim uma leitura-decifração de um leitor iniciante que vai ganhando, aos pouco, autonomia de leitura e compreendendo que nem tudo que se lê é para compreender (CORSINO, p. 3).

Essa vocação pedagógica e conservadora da literatura infantil configuram um modelo condizente com os valores e comportamentos da sociedade neoliberal, que leva a uniformização e banalização do ato de ler.

No entanto, também se reconhece que existe uma educação que não se limita à informação e à conformação, e ao se libertar do predomínio da informação, amplia o campo de significações, através do uso de uma literatura infantil que se abre ao imaginário e entra na brincadeira infantil. É o jogo simbólico que permite estabelecer uma relação com a literatura. Além do texto, a ilustração do livro também permite esse jogo simbólico e estabelece uma relação com o texto.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

Ressaltamos que a mudança na concepção da educação, como uma educação transformadora e crítica que educa para humanização, como também a mudança da concepção da infância, como uma criança que tem uma inserção social, que produz cultura, brinca e dá uma nova ordem às coisas, possibilitou o processo de transformação da literatura infantil, como facilitadora da aproximação entre as gerações.

Machado (2004, p. 71) afirma "*que livro infantil pode ser uma ponte entre gerações, mas não há por que construir pontes que só podem ser cruzadas em um sentido"*.

E ainda ressalta que:

> Apenas dessa maneira é que os livros para crianças podem ser pontes ricas e significativas entre as gerações. Não apenas entre gerações contemporâneas. Mas podem também ser capazes de dar vida a antepassados, de todos os cantos do mundo, e de ajudar a plantar as sementes de pessoas que um dia virão, mas ainda não nasceram (MACHADO, 2004, p. 72).

Essas pontes devem ser vias de mão dupla que levam à aproximação entre os indivíduos, onde as crianças contam aos mais velhos as suas experiências e, muitas vezes, ensinam aos mais velhos a utilização da tecnologia, a partir de atitudes simples e sinceras. Reciprocamente, o convívio com os idosos alimenta sentimentos de afeto, solidariedade e atitudes de interesse por sua experiência de vida entre as crianças.

Dentre a variedade tipológica disponível hoje em dia, "*os contos do tipo maravilhoso, comumente chamado de contos de fada, constituem um tipo de narrativa perfeitamente adequada às crianças"* (GIGLIO, 1994, p. 108). Esses tipos de contos "*constroem-se em torno de estruturas arquetípicas, portanto são capazes de falar a cada ser humano, em diferentes momentos, já que nenhuma experiência humana lhes é estranha"* (GIGLIO, 1994, p.108). A presença do maravilhoso estimula a fantasia e a criatividade, não só da criança, mas do adulto, *que também necessita da arte como catarse, distensão, transformação, recriação e recreação.* (CORSINO, p. 3).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

Os livros de literatura infantil[15] utilizados em projetos cujo objetivo é criar pontes entre as gerações devem ter no interior das suas histórias textos provocativos e instigadores, oportunizando o desenvolvimento da criatividade, e proporcionando a aproximação entre as gerações, caracterizando esse livro como uma ponte entre as gerações. *"Uma das atividades mais fundantes, mais significativas, mais abrangentes e mais suscitadoras de tantas outras, é a que decorre do ouvir e do ler uma boa história"* (ABRAMOVICH, 1989).

E ainda, "*para desenvolver o gosto das crianças pelos livros, precisa estar atenta para não obter efeito diametralmente oposto, seja pela má qualidade dos textos, seja pela repetição enjoativa das formas de lidar com eles*" (GIGLIO, 1994, p. 108).

Através do contato com a literatura os sujeitos adquirem novos saberes para se contrapor à exclusão e alienação vigente nas relações sociais do cotidiano. Essa intervenção da história permite a troca de suas vivências em relação ao tema abordado e propicia a aproximação a partir das atividades desenvolvidas após a leitura das histórias infantis.

> É suscitar o imaginário, é ter a curiosidade respondida em relação a tantas perguntas, e encontrar muitas idéias para solucionar questões – como os personagens fizeram – é estimular para desenhar, para musicar, para teatralizar, para brincar... Afinal, tudo pode nascer de um texto (ABRAMOVICH, 1989).

Dessa forma, a literatura infantil tem um papel significativo no diálogo entre as gerações, na transformação dos sujeitos a respeito de seus valores e percepções em relação ao processo de envelhecimento.

Destacamos abaixo trecho do livro Bisa Bia Bisa Bel, que foi trabalhado em um dos grupos pesquisados. Pode-se perceber a riqueza de diálogos que surgem a partir do trecho que se segue, onde a bisavó transmite para a neta os conhecimentos de objetos e costumes que não se usam mais.

> - É pra fazer xixi?

[15] Os livros utilizados no Projeto "Era Uma Vez..." tem a preocupação de ser ponte entre as gerações. Anexo a relação de livros.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

> - Tinha uma casinha lá fora...
> - E se a gente acordasse de noite com vontade?
> - Tinha um urinol...- ela explicava, sempre com paciência.
> - O que?
> - Um urinol, penico. Ficava embaixo da cama, ou guardado numa portinha especial do criado-mudo.
> - Criado- mudo?
> Você não disse outro dia que criada era empregada?
> Puxa, vocês gostavam mesmo de explorar os outros, hem,tratar todo mundo feito escravo... Pra que é que precisava de um coitado de um mudo pra guardar penico?
> - Não, Isabel. Criado-mudo era uma espécie de mesinha do lado da cama, um armário pequeno...
> - Ah, mesinha de cabeceira... (MACHADO, 2000, p. 24)

Conforme ressalta Abramovich (1989) "*É através da história que se pode descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e de ser [...] Ouvir e ler histórias é desenvolver o potencial crítico da criança*". Pode-se usar como exemplo as histórias de Monteiro Lobato, que preservam a cultura clássica e criticam o mundo atual.

A literatura coloca-se como uma ponte de diálogo na busca pela inclusão e pela garantia dos direitos dos idosos, uma vez que as relações intergeracionais estão intimamente relacionadas com a imagem que uma geração tem da outra. O conhecimento dos estereótipos e de suas conseqüências para os indivíduos é a base para a intervenção social no campo da intergeracionalidade, pois à medida que as crianças constroem uma nova percepção do processo de envelhecimento, viabilizam a inclusão do idoso no contexto social.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

4.3.
O exercício do diálogo aproximando as gerações

> "Como você já deve estar percebendo,
> Bisa Bia e eu somos capazes de ficar horas assim,
> batendo papo explicativo – como ela gosta de chamar.
> Ela explica as coisas do tempo dela,
> eu tenho que dar as explicações do nosso tempo"
> (MACHADO, 2000, p. 25).

As relações intergeracionais são desenvolvidas em grupo, segundo a visão de Zimerman (1997, p. 26-31):

> Grupo é uma reunião de duas ou mais pessoas, em que o número máximo não compromete a comunicação e a interação entre os seus membros, pessoas que, unidas por uma tarefa ou um objetivo comum, organizam-se por regras que definem dia, hora e local em que se encontram.

Consideramos o grupo intergeracional como um conjunto de pessoas que tem objetivo e interesse comum, qual seja o de relacionar-se intergeracionalmente, sendo esse um espaço de exercício do diálogo, que viabiliza a transformação social.

Fundamentado em Arendt (1989, p. 195), "*estes interesses constituem, na acepção mais literal da palavra, algo que inter-essa, que está entre as pessoas e que, portanto, as relaciona e interliga*". Nesse sentido, o trabalho intergeracional define-se como um processo de estímulo à comunicação entre as gerações, intercâmbio de vivências e experiências, incentivando a transmissão de saberes através do diálogo e das diferentes formas de expressão.

Para Arendt, espaço público é um espaço onde os sujeitos assumem uma aparência explícita, em vez de se contentarem em existir meramente como coisas vivas ou inanimadas. Segundo Arendt (2005, p. 195) "*sem um âmbito público politicamente assegurado, falta à liberdade o espaço concreto onde aparecer*". Ou seja, é o espaço público essencialmente político que permite o exercício do diálogo e da ação.

Sendo assim, consideramos o grupo intergeracional um espaço público, porque *cuida do mundo comum* (ARENDT, 1989), onde as pessoas se encontram para exercer o diálogo referente a assuntos de interesse da vida comum. Entendendo esse mundo comum *como uma construção que depende da sociabilidade, regida pela pluralidade humana, que só o espaço público pode instituir* (TELLES, 1990).

No entanto, a sociedade atual tende a excluir os idosos, que acabam segregados e se fecham para o contato com outras gerações. Ou seja, cada vez mais os idosos são excluídos, afastados do convívio com outras faixas etárias, contribuindo para o seu isolamento e para o esvaziamento de relações sociais. Esse isolamento dos idosos acaba privando os próprios membros da família do contato entre as diferentes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

faixas etárias, ocorrendo à ruptura com a tradição, tão importante para o repasse dos conhecimentos e experiências vividas pelos mais velhos, assim como a troca de valores, princípio e novos sentimentos. Partindo do pressuposto de que a primeira experiência de exercício da relação entre gerações ocorre no núcleo familiar, temos então na família um papel fundamental na comunicação entre as gerações, pois ela irá permitir o resgate das relações afetivas através da interação do idoso com as crianças.

O isolamento está na esfera do social e para Arendt (1989), o isolamento destrói a capacidade política, a faculdade de agir e o desenraizamento, que desagregam e destroem as ramificações sociais. Nesse caso, a perda do espaço público significa a privação de um mundo compartilhado de significações, a partir do qual a ação e a palavra de cada um podem ser reconhecidas como algo dotado de sentido e eficácia na construção de uma história comum.

Considerando que a ausência de diálogo com os idosos leva a sua segregação, através da literatura infantil que aborda a temática do idoso consegue-se introduzir diversas formas de diálogo entre as gerações envolvidas no processo de construção da relação grupal.

O estudo da autora Venâncio (1986) sobre a utilização do teatro como manifestação verbal e corporal do diálogo, permitiu-nos fazer um paralelo com os livros de literatura infantil utilizados no Projeto, quando percebemos que o movimento de leitura e à realização de oficinas é o caminho de acesso ao diálogo e de transformações sociais.

Venâncio ressalta que

> A arte de representar possivelmente não é capaz de provocar modificações sóciopolíticas marcantes, mas estabelece diálogos provocadores de reflexão. Pode não implicar na transformação da sociedade, mas age diretamente sobre aqueles que são os criadores da vida social – os homens (VENÂNCIO, 1986, p. 19).

O momento de leitura de uma história e da efetivação do diálogo através de debates, representações e atividades socioeducativas são os espaços de participação, liberdade e manifestação social de mudanças.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

"*O diálogo entre gerações traz o benefício da melhoria da consciência comunitária, da consciência pessoas dos narradores da cultura e dos mais jovens, que se descobrem na revelação do universo existencial do passado*" (BOTH, 1999, p. 38-39). O contato intergeracional contribui para o desenvolvimento das relações interpessoais ao possibilitar vivência de diversos modos de pensar, de agir e de sentir e, assim, possibilitar a renovação opiniões e visões acerca do mundo e das pessoas.

A relação intergeracional a medida em que está ligada *ao espaço público* (ARENDT, 1989), cria condições para o discurso, ou seja, para o resgate do passado e o início do diálogo na construção do novo, de uma história comum. O discurso e a ação quando *juntos, iniciam novo processo, que mais tarde emerge como a história singular da vida do recém-chegado, que afeta a história da vida de todos aqueles com quem ele entra em contato* (ARENDT, 1989, p. 196). Dessa forma, o grupo intergeracional, enquanto espaço de diálogo e a ação, contribui para a solidariedade, ao permitir a convivência e a troca entre as diferentes gerações.

Both (2001, p. 38) considera que:

> O diálogo entre as gerações é meritório e dá garantias das diferenças e da multiplicidade inventiva da humanidade. O diálogo entre as culturas trazidas pelas gerações faz parte da humanização, e o processo não pode prescindir da mediação histórica. Essa oferece o sabor da originalidade e da solidariedade através das virtudes existenciais do passado. Os vínculos com o passado podem se constituir na solidariedade mais necessária, por oferecerem ideais de identificação de uma comunidade para os sujeitos nela inseridos.

Segundo Motta (2004, p. 118) a *convivência solidária não deixa espaço para a solidão e a marginalização*, atuando como modificadora potencial das relações sociais.

Dessa forma, ao pensar em projetos intergeracionais, um dos objetivos a ser alcançado é o de incluir socialmente o idoso, que por sua condição de aposentado ou de "velho", isola-se e perde o seu papel social, a liberdade, o seu espaço de ação, opinião e seus direitos de cidadania. Na perspectiva Arendtiana os direitos são entendidos como uma forma de sociabilidade política, um modo específico de se fazer a experiência da vida em sociedade e o exercício de cidadania (TELLES, 1990).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA

Entretanto, incluir socialmente o idoso no espaço público que garanta o diálogo e a ação implica na viabilização de mecanismos de integração social, de solidariedade entre os indivíduos sociais. Nesse sentido, a solidariedade deve ser entendida como uma nova maneira de pensar a sociedade e as políticas sociais, visando assegurar condições para uma efetiva participação social dos indivíduos. A solidariedade é a esfera do agir comum e pressupõe a existência de atores sociais que agem e pensam de maneiras diferentes, e que é capaz de dar um novo rumo ao processo histórico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 0410376/CA